

Sonhos que Morrem

Sombras que Ficam...



POESIAS
DE

JOSÉ GOMES CORREIA

LISBOA
1942

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA
A MUNDIAL, LDA.

Rua de Santo Colarino, 24

L I S B O A

SOMBRAS QUE FICAM

MORREM

PREFÁCIO

Não podia eu deixar de anuir ás solicitações do autor d'êste livro para que lhe escrevesse umas palavras de apresentação, à guisa de prefácio.

Uma certa simpatia intellectual e uma grande afinidade de sentimentos — bem expressa no amor aos pais, ao torrão natal, à provincia em que ambos nascemos e à Pátria a que a nossa provincia pertence — foram a origem e são o motivo principal da estima que dedico ao autor desta obra — a sua estreia literária.

O autor de **SONHOS QUE MORREM** é muito novo: não tem vinte anos ainda.

Começou a versejar muito cedo e continuou a compor versos durante o seu curso liceal.

Freqüenta actualmente uma escola superior: estuda — mas não deixa de versejar: compõe versos — mas não abandona o estudo.

Na sua mesa de trabalho pode encontrar-se a «lira» juntamente com o «código»... mas cada coisa occupa o seu lugar e desempenha alternadamente a

sua função, sem que cada uma delas prejudique a outra.

E se, como disse o poeta,

Não fazem mal as musas aos doutores,

a verdade é que também não o têm feito a este futuro doutor, visto que o seu convívio frequente com as musas não impediu que chegasse ao 2.º ano de Direito com 19 anos apenas e sem reprovação alguma.

As poesias d'este livro foram compostas em diferentes épocas e correspondem, portanto, a diferentes estádios da evolução psíquica do seu autor.

É possível que alguém note uma certa falta de equilíbrio ou de harmonia neste conjunto de poesias: a causa, quanto a mim, não é senão aquela. Dispostas pela ordem cronológica da sua composição, elas poderiam indicar-nos, como um gráfico expressivo, a marcha evolutiva do jovem poeta, no seu desejo de produzir melhor, no seu anseio de perfeição.

Em plena primavera da existência, não seria de estranhar que o tema predominante dos seus versos fôsse o «amor» — tema inesgotável e sempre novo, palpitante e tentador para todos os principiantes.

Tal não sucede, porém: a amizade, o reconhecimento, a saúde, a compaixão pelos humildes, a piedade pelos que sofrem e, acima de tudo, a gratidão — um dos mais belos sentimentos que podem florir no coração humano — eis os temas que, a-par-daquêle, o poeta preferiu.

A seus pais, que ama com ternura, dedica as primícias do seu labor poético e, em troca do muito que lhes deve, leva-lhes o que tem de mais caro:

A oferta integral dum coração!

A sua terra natal — a formosa vila de Nisa — é recordada com saúde: e esta é mais intensa quando compara «o berço amado» com o meio em que o poeta se encontra, ao recordá-la:

! Mais se aviva em meu peito a saúde!

A ermida de N. Senhora da Graça, que há séculos alveja no cimo da colina, onde outrora foi a Velha-Nisa, é invocada pelo poeta, que a compara a

*um anjo que vagueia, errante,
Branco, muito branco, que não quis partir!*

Lembra também, com gratidão, aquêles que lhe transmitiram as primeiras luzes do saber e o guiaram nos primeiros passos da vida, como se vê na poesia intitulada «*Aos meus Professores*», na qual evoca saudosamente

O paternal perfil do terno Professor!

Outras composições, como *Oração, Portugal*, etc. traduzem, em versos correctos, os sentimentos do poeta para com Deus e para com a Pátria, que ama entranhadamente, com devoção sincera.

Gomes Correia, como vate do seu tempo, não quis deixar de mostrar que não discorda da moderna corrente literária denominada «modernista»,

embora a não siga sempre neste livro, onde apenas se encontram duas poesias do género referido: — *A Marvão e A' Beira Baixa*. As restantes composições obedecem às regras clássicas: e em muitas delas, incluindo as que são constituídas por versos dodecassilábicos ou alexandrinos, o poeta revela uma apreciável segurança de técnica, o que não é vulgar em principiantes, como se sabe, quando tentam esse género difícil.

É certo que o sentido de alguns versos de Gomes Correia se nos apresenta, por vezes, obscuro, por exigência da rima, geralmente; mas é também verdade que a forma é quasi sempre correcta, tanto na medida, como na acentuação. E isso verifica-se até em muitos alexandrinos, como, por exemplo, nestes de *Tempestades*...

.....
*Sentinelas cruéis de fortes temporais
E o vento a sibilar, em fúrias desmedidas,
Fustiga rudemente as aves nos beirais!*

Pretender que este trabalho fôsse impecável seria exigir o impossível. É preciso não esquecer que o autor, embora inteligente e com muito boa vontade — o que é já muito — é um mancebo ainda, faltando-lhe, portanto, aquelas bases indispensáveis que só com a prática da vida, aliada ao estudo, podem ser adquiridas. Não lhe falta, porém, talento nem boa vontade: e como tem excelente ouvido — o que é demonstrado pela cadência dos seus versos — e revela manifesta vocação para a poesia, se quiser continuar a estudar, Gomes Correia virá a ser um inspirado poeta, em anos próximos.

É esta a nossa profecia, que desejamos se realize, para lustre das letras e glória do Alentejo, que ele e eu muito amamos.

Lisboa, Fevereiro de 1942.

Manuel Subtil

A Meus Pais

P'la lágrima de mãe enriquecida
Dum rosário de tanta desventura,
P'la gôta de suor dum pai vertida
Por distante ideal a que procura...

Por esforços que mudam minha vida
E me elevam — mesquinha criatura,
Por titânico exemplo e dura lida
Que uma graça de Deus se me afigura,

A vossos pés, meus Pais, grato deponho
O meu, que foi também o vosso sonho,
Como penhor da minha gratidão...

Sonhar de desanove primaveras,
A viagem ao mundo das quimeras,
A oferta integral dum coração!

Águas Passadas...

Quisera...

Quisera adormecer minha ambição
No ardente e casto leito do amor,
Quisera ter um ser consolador,
Que me guiasse à barca da paixão!

Sentir vibrar no peito uma ilusão,
Que me levasse amante e sonhador,
Roubar à noite um astro guiador,
Que a passo e passo me tomasse a mão!

E ao subir ao Palácio da Ventura,
Num misto de saúde e de amargura
Iriam para si meus olhos baços...

Expressão doce, que nos prende as vidas,
Adeus singelo às horas já vividas,
Que ao infinito guiarão seus passos!

Mas, ai! — a tempestade em lágrimas desfeita
 Há muito morreu já nas sombras do poente,
 Já se ouve o murmurar de vozes, que delecta,
 Nas bôcas juvenis um canto adolescente!...
 Só tu, ó tempestade insana do meu q'rer,
 Tecendo eternamente um sonho encantador,
 Ergueste no meu peito um vulto de mulher
 E mil aspirações dum simulado amor!...
 Só tu ficas e sempre... e a mesma ansiedade,
 O mesmo sonho vão a nortear-me a vida,
 Envolve os dias meus num véu de soledade,
 Num manto de tristeza e esperança desmedida!

.....

E hoje eu peço aos céus, que a campã de meus sonhos
 Seja amanhã o bêrço em dias mais risonhos!

Tempestades...

I

Correm breves no céu nuvens enegrecidas,
 Sentinelas cruéis de fortes temporais
 E o vento a sibilar, em fúrias desmedidas,
 Fustiga rudemente as aves nos beirais!
 A chuva impiedosa em cópia despenhada
 Descendo da montanha aos vales se arremessa
 E sinuosos abre os sulcos, com que irada,
 Castiga a terra-mãe na fúria que professa!
 Lá em cima, buscando, andam lobos ferozes
 Asilo passageiro e breve habitação
 E as crianças ouvindo, ao longe, as suas vozes
 No colo maternal demandam protecção!

.....

Um vestido de luto e indômita tristeza
 Cobre sinistramente a Madre Natureza!

Eu te bendigo, ó noite, eu te bendigo...

I

Quando o triste gemer dos arvoretos
Deixa de ouvir-se além na brava terra
E as agoirentas aves murmurando
Vêm soturnas falas mansamente,
Quando o mundo adormece em gesto lèdo,
Gozando em sonhos vãos a vã fortuna,
As sombras deturpadas da verdade,
Eu te bendigo, ó noite, eu te bendigo,
Sepulcro de meus ais, de minhas penas!

.

Quantas vezes, meu Deus, o seu olhar
Me fixa docemente: e então eu
Sinto que me embriaga a flicidade!
Mas, ai! — breves se apartam de meus olhos,
Aqueles olhos seus que me fitaram
Sòmente por acasc e são alheios
A este sentimento a que me entrego!...

II

P'los dias que passaram derramando
Distantes alegrias já vividas,
P'la soberba canção daquelas horas
Em que fui já feliz, em outros tempos,
Eu te suplico, ó noite, e com fervor,
Que nunca denuncies o meu segredol
Em vê-la... me contento, algumas vezes;
Olhá-la é já gozar amargamente
Que parte da ventura desejada!
Deixa-a viver assim no duro engano
De ser amiga minha... e só amiga!...
Sejamos nós os dois os guardadores
Fiéis desta amargura desmedida
Eternamente nosse...

Eu e Tu...

(Dedicado a uma ilustre
e infeliz poetisa)

Ao ler teus versos, que o amor ditou
E que a desgraça quis chamar a si,
Eu sinto ser mesquinho o que sofri,
Ser pequenina a dor que me tocou...

Inebriou-me a lira, que cantou
O sofrimento atroz, que nunca vi...
Trouxe-me à mente o pouco que vivi,
Tamanha vida de quem tanto amou!

Mas vejo, agora, quanto a tua sorte
Obedeceu, fiel, à mão de Deus,
Pois tens consolação no teu sofrer: —

— A glória de cantar a tua morte!
E que tenho eu? Sòmente os erros meus
E alguém que se ri do meu querer!

Idílio

I

Dois jóvens que se conhecem,
Quatro olhos que se fitam,
Dois corações que estremecem...

II

Duas vidas, que morreram,
Numa vida se fundiram,
Num ideal renasceram...

III

Há um calvário a subir,
Onde no cume fronteiro
Se ergue a cruz da redenção!
Para a ganhar, um caminho
Penoso, de rudes lides
E o poder duma paixão!...

*«Transforma cada espinho
numa rosa» . . .*

A meus pés correm mansas, muito mansas,
As murmurantes águas da ribeira,
Acolá, na campina sobranceira,
Andam p'lo ar cantigas de crianças!

Um pastor, sem cuidados nem lembranças,
Corre atrás das ovelhas, sem canseira . . .
Além, aquela pobre lavadeira
Resume em trabalhar suas esp'ranças!

Só tu, ó alma ardente e insofrida,
Recebendo a lição de tanta vida,
Não sabes teus queixumes abafar! . . .

Esquece a caminhada dolorosa,
Transforma cada espinho numa rosa,
Um mar tempestuoso em doce mar!

Um bem feito de dor . . .

Ai, ai . . . a cada instante,
A' luz do meu desejo,
Escuto o doce harpejo
Do teu falar distante!

Perdido navegante,
A tí, eu te cotejo
A' terra, que não vejo
E busco, confiante . . .

Sublime evocação,
Atroz recordação
Dum bem feito de dor!

Mas muito embora triste,
E' néle que consiste
O meu tamanho amor!

Pois suprema ventura não partilhas
Dum infinito amor!

.....

Sombra querida . . .

I

Que inefável beleza possuías,
Quando te contemplei!
Com que encanto de fada te sorrias,
Quando te procurei . . .
Eu tinha tido atrás a noite calma
De quem jámais amou . . .
Repousava, Maria, a minha alma
Num bem, que já passou!

II

Depois, um raio de sol, na senda escura,
Tomou-me nas mãos suas
Irmão gémeo da amarga desventura,
De fascinações cruas!
A luz quente das tuas maravilhas
Só me ofertou a dor,

III

E eu abraço a celeste primavera
De imperiais encantos,
Vôo, triunfal, nas asas da quimera
Em pensamentos santos . . .
Abraço, enfim, a irreal miragem
Da sombra que ficou . . .
Espectro que me encanta e doce imagem
De alguém, que já passou!

Saúde destas saúdes . . .

Nasce o dia, põe-se o dia,
Vai-se a noite e a noite vem . . .
Só no meu peito, Maria,
Fica a noite do meu bem!

Noite amarga, noite fria,
Quanta doçura contém!
E' um mal que me extasia,
Um mal a que eu quero bem . . .

Se algum dia nascer luz
Na minha pesada cruz,
Nesta noite sem luar . . .

Hei-de ter, nessas idades,
Saúde destas saúdes,
Que eu sinto por bem te amar!

Uma voz do além . . .

I

Marulham docemente as águas cristalinas,
Apagam-se no espaço os cânticos do mar! . . .
As estrêlas no céu semelham purpúrinas,
Inflada magestade e noivas do luar!

II

A brisa adormeceu na morada distante,
Que heril fôrça embala a natureza em flor!
Por entre as ondas soa um arrulhar amante
E mansamente o mar acalma o seu fragor.

III

Na quietude febril em que descansa a terra,
Mística soledade em que repousa o mundo,
Um grito solta alguém que vai do vale à serra,
Lança à vida o horror num soluçar profundo:

— Nas sombras do passado, um nebuloso véu
Esconde o que morreu, o que vivi contigo . . .
A morte em seu furor quis conduzir-te ao céu,
Descanso te ofertou no divinal abrigo!

V

E hoje eu vagúcio errante em caminhar incerto,
Ouvindo o falar teu no murmurar da aragem,
Percorro o nosso campo, oh! que jardim deserto!
Beijando o roseiral, eu beijo a tua imagem!

VI

E quando ao ir-se a noite, em celestiais hinos,
A voz dos serafins abraça a imensidade,
As tuas falas oíço em cantos matutinos,
Ternamente a chamar por mim da eternidade!...

Quando chega a primavera . . .

I

Quando chega a primavera,
Com seu manto de quimera
De soberba feiticeira
E um vestido de mil côres,
De rosmaninho e de flores,
Vem cobrir a terra ínteira,
Sua imagem graciosa
Se retrata em cada rosa
A sorrir-me . . .

II

Quando uma manhã de Abril
Vem tocar o peitoril
Da já morta fantasia,
Meu pensamento esvoaça
E recorda a sua graça,
Uma lembrança sombria!

Cada sorçêio de andorinha
E' uma fala só minha,
Que vem dela . . .

III

Mas quando o Sol já declina
E a beleza campesina
Deixa sebes e valados
E uma voz de cotovia
Já não canta todo o dia
Pela verdura dos prados,
Também morre na minha alma
A doce voz, que me acalma,
Porque é dela . . .

IV

Ao ver a terra despida
Entregar-se, adormecida,
Aos triunfos outonais
E ao calar-se o rouxinol,
De manhã ao pôr do sol,
Nos meandros dos choupais,
Só vejo a campa sagrada,
Onde dorme decuidada,
Quem eu amo! . . .

Adeus . . .

Passaram, um a um, sem sombra de agonias,
Os dias de ventura, a nossa mocidade . . .
Repousam no passado as nossas alegrias,
Embala o que já foi somente uma saúde!

Passaram — mas que importa? — as horas fugidias,
Bêrço duma ilusão da nossa pouca idade . . .
A mesma dor irmana e aquece as almas frias,
A mesma nostalgia o peito nos invade!

Avulta ao nosso olhar a senda lacrimosa
E mil recordações da sombra venturosa
Sem um luzente sol e esperança de viver . . .

A sombra do passado uniu as nossas vidas
Num abraço de dor . . . e partirão unidas,
Quando soar, já perto, a hora de morrer!

Talvez rias feliz e tresloucada
 Porque a tua paixão é já o nada,
 Que se abismou no mar do teu viver!
 Porém, em mim, há sempre o mesmo ardor,
 Há sempre o sol ardente, abrasador,
 Lampadário cruel do meu sofrer...

IV

Talvez julgues banal a nossa história,
 Brincadeira pueril e irrisória.
 Projectos, sem razão, da meninice...
 Mas hão-de ser recordações da infância
 Das rosas desfolhadas a fragrância,
 Que mais dirão aos dias da velhice!

V

Ah! Anjo meu, sem dó, se não partisses,
 Tirana amada, se me não fugisses,
 Seria um mar de rosas esta vida!...
 Assim, na solidão, que me deixaste,
 Em longa caminhada transformaste
 Meu viver de criança entontecida!

Sonhando...

I

Como num sonho eterno, a divagar,
 Nunca me canso, a sós, de meditar
 Na vida bela, que já tive um dia...
 Se longe vão as ilusões falazes
 E moram perto as convulsões vorazes,
 És tu ainda a luz que me alumia!

II

Amor, amor, se é dura a minha sorte,
 Deixa que eu tenha, ao menos, quem conforte
 A esta dor cruel de tanto amar!
 O terno lenitivo, que me encanta,
 É recordar e sempre a graça tanta,
 Que pairava, incessante, em teu olhar!

Talvez rias feliz e tresloucada
 Porque a tua paixão é já o nada,
 Que se abismou no mar do teu viver!
 Porém, em mim, há sempre o mesmo ardor,
 Há sempre o sol ardente, abrasador,
 Lampadário cruel do meu sofrer...

Sonhando...

I

Como num sonho eterno, a divagar,
 Nunca me canso, a sós, de meditar
 Na vida bela, que já tive um dia...
 Se longe vão as ilusões falazes
 E moram perto as convulsões vorazes,
 És tu ainda a luz que me alumia!

II

Amor, amor, se é dura a minha sorte,
 Deixa que eu tenha, ao menos, quem conforte
 A esta dor cruel de tanto amar!
 O terno lenitivo, que me encanta,
 É recordar e sempre a graça tanta,
 Que pairava, incessante, em teu olhar!

IV

Talvez julgues banal a nossa história,
 Brincadeira pueril e irrisória,
 Projectos, sem razão, da meninice...
 Mas hão-de ser recordações da infância
 Das rosas desfolhadas a fragrância,
 Que mais dirão aos dias da velhice!

V

Ah! Anjo meu, sem dó, se não partisses,
 Tirana amada, se me não fugisses,
 Seria um mar de rosas esta vida!...
 Assim, na solidão, que me deixaste,
 Em longa caminhada transformaste
 Meu viver de criança entontecida!

Hoje, só, adormeço, em doce engano,
Seguindo a sombra negra, o bem estranho
De reviver em ti o que passou...
E quando a morte vier, eu, com saúde,
Recordarei ainda a mocidade,
Sonho que morre, sombra que ficou!

Meu Alentejo...

Meu Alentejo . . .

Nas horas de febril meditação,
Como eu gosto de ti, meu Alentejo !
O canto da seara é doce harpejo,
Que fala mansamente ao coração . . .

Ao embeber meus olhos na amplidão,
E' grande e majestoso quanto vejo !
Desprezo a mesquinhez do que desejo,
Perante a tua áurea imensidão !

Foi mais pródiga em ti a Natureza,
Fértil rincão da terra portuguesa,
Do que em mim foi a sorte empobrecida . . .

P'ra mais leve tornar minha amargura
Q'ria que o berço fôsse a sepultura,
Quando a morte vier roubar-me a vida !

À minha terra

I

Qual namorado, que na campa estreita,
 Onde descansa uma mulher amada
 Encosta a fronte num sonhar distante
 E deixa perpassar visões diversas,
 Também eu, cá ao longe, ó minha terra,
 Sinto meus olhos pobres de te verem,
 De contemplar, à tarde, os teus vergéis
 E a boca sequiosa dos teus beijos!

II

Aqui, longe de ti, ó berço amado,
 Não há canções em bocas campesinas,
 Nem contos de rainhas ao luar
 A ruminar na mente das crianças!
 E' inverno em abril... e quando as flores
 Vêm por graça alguma nas janelas,
 Distrair nosso olhar neste vazio
 Mais se aviva em meu peito a saúde!

E quando busco o pálido reflexo
 Da tua formosura, ó Nisa minha,
 Julgo encontrá-lo em terras ignoradas,
 Em mundo que ninguém jámais verá!...
 Tu és a flor nascida entre o deserto,
 E's a eterna canção maravilhosa,
 Que aos meus ouvidos soa qual segredo,
 Que só eu compreendo, ó minha terra!

A Marvão

(Ao meu amigo M. Madeira Vidal)

I

Quem há, Marvão, que ao contemplar-te assim,
Na grandeza imponente de gigante,
Com teu dorso semeado de urzes bravas,
Se não sinta pequeno?
é Quem poderá olhar-te, sem sentir,
Dentro do peito um sobressalto imenso
De espasmo e encantamento
E não veja, nas curvas tortuosas
Do teu colo,
Um sinal
Do poder infinito do Senhor?
Ao fitar-te, guardião das lusas terras,
Entre outros,
Eu sinto admiração
P'las linhas caprichosas
Do teu corpo,

Obra do eterno Mestre!
Assim, nessa mudez em que te encontras,
Há milénios,
E's livro aberto e páginas de sangue
A indicar aos novos
Os heróis que morreram,
Que banharam com sangue lusitano
A lusa terra,
A terra nossa mãe,
Que dantes fóra um campo só de abrolhos
E hoje é um jardim de rosas feito l...

.....
Uma vez escalei-te, ó rocha alcantilada,
Fui tocar teus cabelos,
Afagar tua face endurecida
Por fortes intempéries...
Quis render minhas justas homenagens,
Prestar culto
Ao grande vulto adormecido
Da montanha!
Toquei-te num abraço de loucura,
Desejei ficar contigo
Eternamente
Ali!
Longe do mundo e bem perto das nuvens

E longe das paixões,
Das garras traiçoeiras
Da vida!
Ali, sim . . .
Bem junto aos céus,
Aspirando o seu perfume,
A escutar a voz de Deus
E dos anjos
Numa eterna canção celestial
De amor por nós!

Nossa Senhora da Graça (Nisa)

I

Ermidinha alva, acolá, distante,
Alumia o monte com o seu sorrir,
Faz lembrar-me um anjo, que vagueia, errante,
Branco, muito branco, que não quis partir!

II

Oh! Que canto simples da mansão celeste,
Que tesouro rude de fé e de amor . . .
Em redor, buscando, nosso olhar se veste
De miragens lindas da mais viva côr!

III

Lá dentro repousa, num dormir sem fim,
A Senhora-Nossa que o meu povo adora,
Santa já velhinha, cheirando a alecrim,
Querida, bem querida pela vida fóra . . .

IV

Está tangendo o sino... oh! como éle corre...
 Saltita, contente, no labor de Deus!
 Oh! Cantar sublime que à distância morre,
 Oh! Canção de amor, que se eleva aos céus!

V

E os moços acorrem ao festim do monte,
 Anciãos caminham, trôpegos, cansados...
 Todos vão beber na piedosa fonte,
 Alguns vão lembrar os dias já passados!...

VI

E ao cair da tarde na divina *estança*
 Cada peito aspira a ambição dos céus...
 O mundo é distante... Todo o olhar se lança,
 Em ardente prece para os pés de Deus!

Rimas Sôltas...

Aos meus professores . . .

(Da Escola)

I

Como a ave despida ainda de plumagem
Abandonei, contente, o berço onde nasci . . .
Grande era a confiança, a juvenil coragem,
A ânsia de saber o pouco que aprendi!

II

Como ela, ao esvoaçar, livre, através dos ares,
Também ia cruzar, a sós, a imensidão . . .
Eu era pequenino e p'ra vencer os mares
Levava no meu peito a força da paixão . . .

Ja ensaiar, enfim, os meus primeiros passos
Distante do aconchego amado de meus pais,
Por isso me lancei, feliz, nos vossos braços,
Ereul, eu me embalei nas falas magistraes!

IV

Como é bom descobrir lembranças na saúde,
Quando se trilha já, sem medo, o firmamento...
Quanta ventura encerra, às vezes, outra idade...
Parece, ao recordar, que sonha o pensamento!

V

De tudo o que mais prende e em vaga me consola,
E's tu, meu berço vário em casta aspiração!
Sois vós, ó mestres meus, nesses tempos de escola,
Sois vós, que modelais o nosso coração!

VI

Ai passou depressa a minha primavera.
! Como a vida é pequena e como o tempo corre!
! Por vezes, inda lembro aquilo que então era...
E tanta maravilha, ao reviver, me ocorre!

Passou a meninice e hoje eu guardo apenas
A pálida visão da sombra semi-morta!
Longínquo murmurar das orações serenas,
Apagada visão de tudo o que conforta!

VIII

Mas o que em mim ficou eterna novidade
Dos tempos que vivi, sempre risonha flor,
Foi a imagem q'rida, envolta na saúde,
O paternal perfil do terno Professor!

O Mendigo

Estendendo a rôxa mão à caridade,
Lá vai de porta em porta o bom velhinho,
Cabelos côr da neve do caminho,
E nostálgicos olhos de saúde!

Também teve o ardor da mocidade,
Um braço forte no labor do ancinho,
Mas os anos passando, de mansinho,
Quebraram o vigor da tenra idade!

E o homem, que viveu a luta insana
Da vida, tem a paça desumana,
Contida no dizer duma oração!...

Soldado ignoto, morrerá um dia...
E o mundo ficará sem a arrêlia
De repartir migalhas do seu pão!

Os três Reis Magos

Nas trevas cerradas da noite invernosa,
Lá vão ansiosos, pisando os caminhos,
Os Reis do Levante de incensos e arminhos,
Seguindo uma estrêla nos céus luminosa...

Vão crenças buscando, a sonhar, dolorosa
Visão desmedida de encantos mesquinhos!
¡Humildes os Reis, a rezar, pobrezinhos,
A prece de graças a Deus fervorosa!

Caminham cansados e de olhos nos céus,
Errando na noite, soberbos e réus,
Seguindo essa estrêla, que os leva a Jesus...

Chegados, enfim... ao menino ofertaram
Tesoiros de Fé e ali adoraram
O Deus-pequenino, dos homens a Luz!

A um amigo que vai partir...

Passaram mansamente os verdes anos,
As ilusões fagueiras de estudante...
Eu era, como tu, um caminhante
Na luminosa estrada dos enganos!

Das tentações do mal fomos profanos,
Vivies num sonhar muito distante...
Eu era, sabes bem, um inconstante
No sentimento e no labor insanos!

Vai seguir sua estrada cada qual:
Tu vais partir, deixar a Portugal,
Até que voltes ao natal abrigo...

Mas mesmo lá, na terra brasileira,
Hoje, ontem, amanhã, na vida inteira,
Tens sempre o coração do teu amigo!

O Barqueiro

I

— Barca minha, santo lenho,
Que no mar cruel me guias,
És braço forte em procura
Do pão-nosso de meus dias.

II

És o sol que luz espalha
Através da vida escura,
O luzeiro, que alumia
Branco trilho da ventura!

III

Quando a noite se avizinha
E a luz do dia amortece,
Volvo meus olhos aos céus
E bendigo a Deus em prece...

IV
Quando as lides temerosas
Da labuta mostram p'riço,
Olho p'ros céus e Deus vejo,
Olho o mar... ei-la comigo!

V

Adormeço o mar ouvindo
E no azul a lua olhando...
Sonho uma barca doirada,
Que ao Além me vai levando!

A' Beira Baixa

Beira Baixa, Beira Baixa,
Paraíso de mil sonhos,
De venturas fenecidas
Doutros tempos...
No teu seio adormeceram,
Muitos anos,
As esp'ranças encantadas,
Que já tive...
Teus encantos me prenderam
Doidamente...
Os campos verdejantes, que se espraíam
No teu colo,
As frondosas campinas que te vestem,
Onde andam, solitários, os pastores
Das tuas aldeias,
São bonançoso mar,
Encantador, da farta natureza!

Cada pedra que te adorna,
Milenária,
É a voz de façanhas sepultadas
No livro dos heróis!
Cada casinha erguida sôbre o monte
É uma ermida,
Onde todos vão rezar!
Cada boca uma oração
De muitas graças
Rendidas a Deus...

.....
Beira Baixa, Beira Baixa,
Eu te guardo eternamente
No meu peito,
Como um segundo e amado berço,
Envolta num mantel arrendilhado
De saúdaes!...

O Camponês

I

Por entre as nuvens lá no céu pousadas
Do espaço azul as naturais cortinas,
Já se ouve o caminhar das alvoradas
E além na ermida o toque das matinas.

II

Os galos cantam ladainhas suas,
Relincham éguas, erguem-se os zagais,
Abrem-se as portas, como a médo e as ruas
Alegram-se ante as festas matinais...

III

O camponês, cheio de força e vida,
Vai para o campo a trabalhar a terra...
O Sol já brilha na tranqüila ermida
E beija a cumiada além c'a serra!...

Pássaros brincam pelo ar, estouvados,
 Sobem velozes os ridentes montes,
 Soltam gorgeios... notas de noivados,
 Vão namorar-se nas vizinhas fontes.

V

E os campônios lá vão atrás dos bois,
 Mãos ladas co'a rabica dos arados...
 Na mais santa peleja são heróis,
 Como os bois... pacientes, ignorados!

VI

E quando a noite cobre de tristeza
 A aldeia lá no vale adormecida,
 A' lareira se fala e ama e reza
 E o pai esquece as horas de fadiga!

VII

Ah! Ternos corações e sem mentira,
 Pudesse ser eterna a mocidade
 E, jámais vossa boca vos abriza
 O fatal amargor da velha idade!

Mas, oh! Lá a distância se afigura
 Um medonho gigante que vos disse:
 — Trabalhai, porque os dias de fartura
 Hei-de acabá-los eu: — sou a Velhice!...

IX

E essa dura voz, do Mundo a Lei,
 Gravou a fogo em vossa Consciência,
 Não ondas de Revolta pela Grei,
 Uma virtude só: a Paciência!...

Saúde...

I

É noite de Natal... Lá fora a neve branca
Cai silenciosamente; e todo o povoado
É um canto de luz, um ninho abençoado,
Uma ardente oração a Deus sublime e franca!

II

Sorrisos de alegria emanam dos casais,
Uma onda venturosa esparge em cada lar
Uma chama de amor, brilhando em cada olhar,
Carícia de Jesus nas almas imortais!...

III

Só èle o pobre velho, o órfão de carinhos,
Treme de frio; e a fome empresta amargo pranto
Ao seu cansado olhar, que busca em cada canto
O seu saúdoso lar de fogos pobrezinhos!

Nascera lá na serra havia muitos anos...
Ali passara sempre a vida descuidada,
Ali crescera e amara a moça mais prendada,
Triste manancial de tantos desenganos!

V

Um dia, ela morreu... tocavam as trindades...
O vento soluçava e as aves nos beirais
Parciam chorar... e as vozes dos trigais
Eram sentida prece, um hino de saúdaes!

VI

Depois... èle partiu! Levava para longe
As mil recordações dos tempos que passaram,
Correra o mundo inteiro e nunca se acabaram
As lágrimas de dor no seu viver de mongel

VII

Sentia-se vèlhinho... iria p'ros oitenta...
Q'ria ver outra vez a terra, onde nascera,
Q'ria sentir ainda o gôso da quimera...
Um frêmito de amor o peito lhe acalenta!

Sentia-se já perto... eram as mesmas águas
 Correndo mansamente, as mesmas casas velhas,
 O mesmo tilintar de guisos das ovelhas,
 A mesma campã em flor, jardim das suas mágoas!

IX

Sentia que revivia a sua mocidade,
 O seu corpo de velho à luz sentimental
 Do abençoado ninho em noite de Natal,
 A' sombra enganadora e vã duma saüdade!

Portugal

I

Deus, um dia, lá do céu
 Foi olhando o mundo seu
 Num sorriso paternal
 E ficou surpreendido,
 Ao ver no mundo perdido,
 O pequeno Portugal!

II

E tomou das almas puras
 Das mais santas criaturas
 Para a terra preferida!
 Pôs nos céus muitas estrélas,
 Na terra — que coisas belas! —
 E Portugal teve vid . . .

Fêz daqui berço de santos,
De heróis e mártires tantos,
Que ao mundo levaram luz...
Nas quinas das caravelas,
La bem impressa nelas
A doutrina de Jesus!

IV

E Portugal-pequenino,
Como o fóra o Deus-menino,
Fez-se grande em prol de Deus...
Foi levar à gente impia
A santa luz, que extasia,
O perfume lá dos céus!...

VI

Portugal! Nome que encanta,
Ária estranha, sacrossanta,
De beleza estonteante,
Nos mundos novos de agora
É sempre o guia de outrora,
É a luz que vai adiante...

Oração

I

Jesus de Nazaré, em cada dia,
A descrença sombreia a tua cruz,
A graça sobrehumana, que seduz,
A lição angustiosa da Agonia!

II

Apaga-se o altar, que alimentava
Da luz da Fé o rútilo fulgor,
Lábios riem do Verbo do Senhor,
Pobre que aos pobres paz na Terra dava!

III

¿Porque consentes no bramir atroz
 Do tormentoso mar da perdição?
 ¿Que esperas da perdida geração?
 ¿Porque poupas ao cego e fero algóz?

IV

Talvez que a oração do pegureiro
 Valha bem o clamar de mil ateus,
 Ou lágrima de mãe, que teme a Deus,
 Te faça perdcar ao mundo inteiro!...

V

Mas nesta hora de morte em que se ágita
 Em luta desumana a terra ingrata,
 Em que o Mundo, sem fé, se fere e mata,
 Escuta a voz, que solta o cenóbita:

VI

— Rasga, Senhor, o céu de par em par,
 Manda que cubra a Terra o fogo irado,
 Que se abisme no inferno o condenado,
 Manda, Senhor, um justo, atroz penar!

Mostra no céu em subitânea vinda,
 Um sinal, que traduza o teu poder.
 !Que a luz do teu castigo possa ser
 Lábaro dum reinado, que não finda!

.....

VIII

Que da montanha agreste ao fundo val'
 Se erga de Cristo a cruz em cada lar
 E, em cada peito viva a palpitar,
 No mundo inteiro a Fé de Portugal!

ÁGUAS PASSADAS...

<i>Quisera...</i> —	15
<i>Tempestades...</i> —	16
<i>Ea te bendigo, ó noite, eu te bendigo...</i> —	18
<i>Eu e Tu...</i> —	20
<i>Idílio</i> —	21
<i>«Transforma cada espinho numa rosa»...</i> —	22
<i>Um bem feito de dor...</i> —	23
<i>Sombra querida...</i> —	24
<i>Saudade destas sandades...</i> —	26
<i>Uma voz do Além...</i> —	27
<i>Quando chega a primavera...</i> —	29
<i>Adeus...</i> —	31
<i>Sonhando...</i> —	32

MEU ALENTEJO...

<i>Meu Alentejo...</i> —	37
<i>A' minha terra</i> —	38
<i>A Marvão</i> —	40
<i>Nossa Senhora da Graça (Nisa)</i> —	43

<i>Aos meus professores (Da Escola)</i> —	47
<i>O Mendigo</i> —	50
<i>Os três Reis Magos</i> —	51
<i>A um amigo que vai partir...</i> —	52
<i>O Barqueiro</i> —	53
<i>A Beira Baixa</i> —	55
<i>O Campanês</i> —	57
<i>Saudade...</i> —	60
<i>Portugal</i> —	63
<i>Oração</i> —	65

ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê	Leia-se
5	17. ^a	bérço	berço
27	Titulo	além	Além
27	13. ^a	ropousar	repousar
29	12. ^a	Abril	abril
30	5. ^a	Sol	sol
30	22. ^a	decuidada	descuidada
38	16. ^a	por	pôr
48	5. ^a	Ereul	Exul